

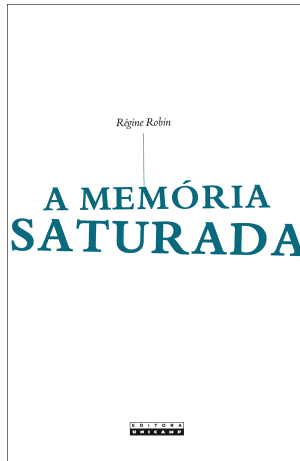


**Resenha: As Lembranças postíças e
o arquivamento sem limites**

Bruno Vieira Leonel

DOI 10.5433/1984-7939.2018v14n25p308

As Lembranças postíças e o arquivamento sem limites



ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas. Editora da Unicamp; 2016

Bruno Vieira Leonel¹

Memorizamos pela necessidade de relembrar ou memorizamos apenas em ocasiões quando algo não é passível de arquivamento? Em meio a um contexto que cada vez mais tateia caminhos para o segundo cenário, a forma como o homem contemporâneo se integra às suas crescentes técnicas de

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo), com especialização em Comunicação com o Mercado, ambas formações concluídas na Universidade Estadual de Londrina. Sua linha de pesquisa é ligada à historiografia, memória, e construção de sentido na mídia.

arquivamento e registro suscita debates ligados à historiografia e a comunicação há pelo menos 70 anos. Estudos ligados aos efeitos da indústria cultural e à tecnicidade dos meios, aos poucos, desenharam narrativas de uma era tecnológica voraz, cada vez mais obcecada pelo inesgotável, e sempre irreversível, aparato tecnológico ligado ao armazenamento de imagens.

Ao mesmo tempo em que o surgimento desses processos ‘revidava’ com distorções permanentes na compreensão historiográfica e nos processos de memorização, o homem passou a ser cada vez mais dependente de seus dispositivos de gravação e registro de símbolos do passado. Após a digitalização dos meios de informação e do boom de compartilhamento em redes como a internet, nos vimos em meio a uma era obcecada com processos de arquivamento e resgate de épocas cada vez mais recentes. Estes processos acabam quase sempre se tornando naturalizados sem que possamos até detectar o quanto já somos dependentes disso. Seja acessando nuvens virtuais no trabalho, ou ainda, nas relações pessoais, todos os dias, nos submetemos a muitos tipos de memória postíça.

É dentro desta discussão que se insere o livro ‘A Memória Saturada’ escrito pela historiadora e socióloga canadense Régine Robin, publicado em 2003 e editado recentemente no Brasil pela Unicamp em 2016. Apoiando-se em debates que envolvem a fixação pelo armazenamento de imagens técnicas (e sua infidelidade em relação ao real), a histeria com a patrimonialização de bens e a revisitação de registros históricos, Régine compõe um verdadeiro diagnóstico sobre como essa fascinação pelos arquivos e pela memória artificial se evidencia cada vez mais com as novas dinâmicas globais.

Suas reflexões ao longo da obra fazem referência às ideias de autores como Hegel, Walter Benjamin, Umberto Eco, Marcel Proust, Fredric Jameson, Paul Ricoeur, chegando até nomes da psicanálise como Freud em um mosaico bastante interdisciplinar e crítico. O tema é amplo, a discussão antiga, mas ainda muito longe de um desfecho, uma vez que cada novo ‘salto’ tecnológico subitamente origina milhares de novos processos e atalhos inéditos dentro desta já extensa trilha.

Embora Robin não elabore grandes reflexões dedicadas especialmente ao sentimento saudosista embutido nestes processos, esta temática permeia grande parte da obra, considerando-a até como uma possível origem (sobretudo na modernidade) desta obsessão para com os arquivos e coleções. O progresso tecnológico apenas fortalece este distanciamento do passado. Revisitar registros de épocas remotas, sempre provoca choques e reflexões em relação ao tempo presente.

Não falamos aqui necessariamente do resgate direto de época ou da imagem objetiva, mas da sensação gerada pelo arquivo enquanto simulação do real, formatado em uma nova lógica mais ‘atrativa’ do que o significante (ou época) original ao qual é feita referência. Esses símbolos ganham inclusive importância extra para gerações que não tiveram contato com a época original preenchendo um déficit temporal entre gerações distintas. “A nostalgia daquilo que não conhecemos pode dar lugar ao novo na forma do pseudo, do simulacro.” (ROBIN, 2016, p. 335).

Antes de tudo, o arquivo é passível de organização e indexação. Ele pode ser manipulado em uma sequência lógica e ordenada, tornando-se um contraponto à dinâmica global contemporânea, cada vez mais caótica e fragmentada. Todo o arquivo mantém vivo em si

a reminiscência de um tempo que não existe mais. Acessar arquivos hoje se torna um processo de tentar ‘repetir’ algo ‘irrepetível’ e de se deparar com um registro que apenas evidencia o quanto o passado está cada vez mais remoto; um símbolo de repetição que lamenta a inautenticidade de todas as repetições.

Embora o livro de Robin trace paralelos e comparações entre diferentes contextos e processos de resgate, é interessante o exercício sólido de reflexão sobre esses processos que a autora consegue desenhar: indo desde paralelos com a obsessão de civilizações antigas com imagens religiosas (como na Idade Média), o apreço pelo passado relatado em textos de movimentos sociais (como no caso do Exército Zapatista de Libertação Nacional - EZLN), obras emblemáticas que trabalharam a questão do registro e memória em seus principais argumentos, como o Atlas Mnemosyne de Aby Warburg, e também o livro ‘Les Autonautes de la cosmoroute’ de Julio Cortázar.

Não raramente, esta lógica de resgate e acesso proporciona uma revisitação ‘presentista’ de concepções históricas que acabam até propondo novas narrativas sobre cultura, vínculos locais/globais e a própria lógica de continuidade do tempo em um mundo cada vez mais desordenado.

Este é um aspecto cada vez mais presente no cotidiano de um mundo ligado à digitalização das mídias e que, frequentemente, se depara com conflitos provocados pelo ‘achatamento’ de diferentes eras, com informações justapostas e amplamente disponíveis no tempo presente. De acordo com a autora, discursos oficiais, considerados hegemônicos na história, acabam por ter sua veracidade questionada neste processo uma vez que a revisitação de relatos e

depoimentos cria a possibilidade de divergências e de novos olhares sobre episódios históricos ligados a estes mesmos fatos.

Sagas já cristalizadas no imaginário de gerações inteiras, como a colonização dos Estados Unidos, o fim da antiga URSS e até o holocausto (na Segunda Guerra Mundial), podem ter sua versão oficial desafiada, visto que novos relatos e documentos são revisitados. Isso ganha ainda mais força quando se fala de relatos ‘alternativos’ ligados à historiografia, oriundos de grupos minoritários e que de alguma forma tiveram sua atuação diminuída pela versão oficial da história.

No caso da formação dos EUA, narrativas históricas do ponto de vista das mulheres, dos ameríndios e de militantes do movimento negro, são contrapontos questionadores da saga ‘legitimada’ como oficial uma vez que promovem ‘cacofonia’ de discursos dominantes. O encontro de fotos inéditas, o descobrimento de gravações raras e até imagens com ‘novos ângulos’ de cenas históricas sempre representam ‘desvios’ sobre uma trilha histórica já tida como estabelecida. “Vivemos sob o domínio do imediato, do efêmero, do instante, do clique, do salto, da ubiquidade, sob o domínio do tempo real em que o que está se efetuando e sua representação se confundem, sem falha, sem distorção temporal, em um eterno presente.” (ROBIN, 2016, p. 401).

Rupturas e ‘desvios’ de narrativas tendem a se tornar cada vez mais frequentes em meio à novas ‘erupções’ de acervos e de antigas memórias. Régine cita, por exemplo, como eventos mais recentes também influenciam neste processo. A queda do Muro de Berlim (1989), de um dia para o outro, tornou o lado ‘leste’ do país acessível e fez com que milhares de imagens e relatos se tornassem

subitamente disponíveis... O que diz muito sobre a dinâmica cada vez mais ‘surpreendente’ do aparecimento desses acervos inéditos.

Esse excesso de memória que nos invade hoje poderia ser apenas uma figura do esquecimento, pois a nova era do passado é a da saturação. Saturação por inversão de signos, suspensão de um passado próximo, mas não pensado, não criticado, não decantado, como nos discursos e práticas que emergem no Leste da Europa depois da queda do Muro. Saturação por histerização da relação com o passado, da relação com a origem real e imaginária, pelos fantasmas da autenticidade interposta, como em certos discursos mantidos em Israel. (ROBIN, 2016. p. 22)

A autora faz uma análise bastante extensa sobre o processo de ‘saturação’ da historiografia, memória e até sobre certo fascínio ‘fetichista’ para com determinadas culturas (como países do Oriente Médio) abastecido por indústrias como entretenimento e moda. Embora trace ao longo do livro um panorama muito rico sobre o tema – citando até processos como a ‘museulização’ de ruínas dedicadas às vítimas do World Trade Center em 2001 – muito pouco é comentado na obra sobre o processo ligado a contextos emblemáticos como a história da América Latina. Nada é citado, por exemplo, em relação à revisitação histórica desencadeada por acervos ligados a eventos como a Revolução Cubana e também movimentações políticas da Argentina nos anos 60 e 70. Seria impossível de fato discutir todos os contextos mundiais no qual o processo reverbera, mas em uma perspectiva historiográfica, é também imprescindível deslocar o debate para fora do eixo Europa-América do Norte, avaliando sobretudo como essas dinâmicas podem se tornar especialmente

mais nocivas em países subdesenvolvidos, oriundos de colônias de exploração e que passaram por ditaduras militares historicamente recentes (como o Brasil).

É interessante notar como essa revisitação de narrativas (e arquivos) pode ainda gerar divergências quanto à própria memória individual de grupos. Pessoas que viveram durante a juventude na antiga União Soviética, por exemplo, além de terem lembranças remotas - de uma cidade-natal que não existe mais - carregam memórias pessoais do estilo de vida e de detalhes sobre a convivência que se deslocam apenas da abordagem política do período (lembranças do bairro, da família e de rotinas banais). Essas impressões tendem a conflitar com a história meramente 'objetiva' do período. O indivíduo 'arquivador' acaba não formando uma saudade do passado real, mas sim, de um passado idílico com impressões que ele mesmo 'filtrou' em relação ao período.

A autora pontua, no entanto, que não há, para ela, memória justa, nem reconciliação total com o passado. Há sempre 'muito pouco' e 'muito' em função das conjunturas e das versões, afetando as grandes narrativas do passado. Cita que sua reflexão cruzará várias vezes com a de Paul Ricoeur, embora não acredite na separação radical entre 'dever de memória' e 'trabalho de memória'. Segundo Régine, é necessário afastar-se dessas categorias patológicas e procurar outros caminhos para identificar o que está em jogo nos problemas da memória, da sua história, de seus trajetos e de suas transformações (ou deformações).

Um caso emblemático sobre o embate entre arquivo x história é mencionado nos tribunais do pós-guerra. Muitos julgamentos ligados aos crimes ocorridos nos campos de

concentração ocasionaram embates entre advogados, juízes e também historiadores – os quais eram convocados a prestar depoimentos devido à abordagem ‘fria’ que teoricamente tinham sobre fatos históricos. O caso é ainda fonte de um extenso debate, já que historiadores traziam outras narrativas com outros tipos de intenção e de isonomia (como a própria ciência em geral deve buscar). Visando sempre outros tipos de análises e sendo incapazes de formar julgamentos de um mesmo fato como ético, ou imoral, são relatados embates envolvendo historiadores notáveis como Saul Friedlander, Carlo Ginzburg e Hayden White.

O trabalho historiográfico, entretanto, não é da ordem do pugilismo, mesmo verbal. Não consiste em argumentar para ganhar, em persuadir um adversário, mas em estabelecer um avanço cognitivo sobre tal ou tal tema, em função de um sistema de hipóteses e de questões voltadas aos vestígios, aos documentos, a tudo aquilo que pode constituir arquivo, a partir dos quais, pelo cruzamento de dados, de novas hipóteses submetidas à documentação, verdades sempre parciais, mas fundadas no real do passado, vão emergir. (ROBIN, 2016, p. 271)

O tema segue ainda bastante relevante em plena década de 2010, em meio a um contexto de grande ‘revisionismo’ histórico que permeia discussões políticas em todo o globo, permitindo até lógicas controversas como o desejo pelo retorno de ditaduras e até os pedidos pela volta de governos militares (como no Brasil). Se há desejo pela volta de um passado, passado que desencadeia anseios tanto progressistas quanto reacionários, há também um deslocamento de gerações que ignoram a própria história. Retomando um antigo clichê: quando o homem tende a esquecer

a própria trajetória, velhos erros tendem a voltar a acontecer. Todo este processo de desejo em retomar o passado, (ainda que idílico), é impulsionado pela ampla acessibilidade de acervos e arquivos de época. Novas veredas da memória surgem e continuarão a surgir inesgotavelmente a qualquer momento e, fatalmente, irão germinar novas divergências. Quem saberá quando é a próxima?